

# Dante Cultural



Ano VII - Número 17 - Março de 2011

ISSN 1980-637X

## Pizza

A história da redonda,  
apreciada hoje em outras  
formas e sabores que  
misturaram as culturas  
italiana e paulistana

**Entrevista:**  
O jornalista Denis  
Russo, nosso ex-aluno,  
fala sobre sua trajetória  
na imprensa e as novas  
configurações da mídia

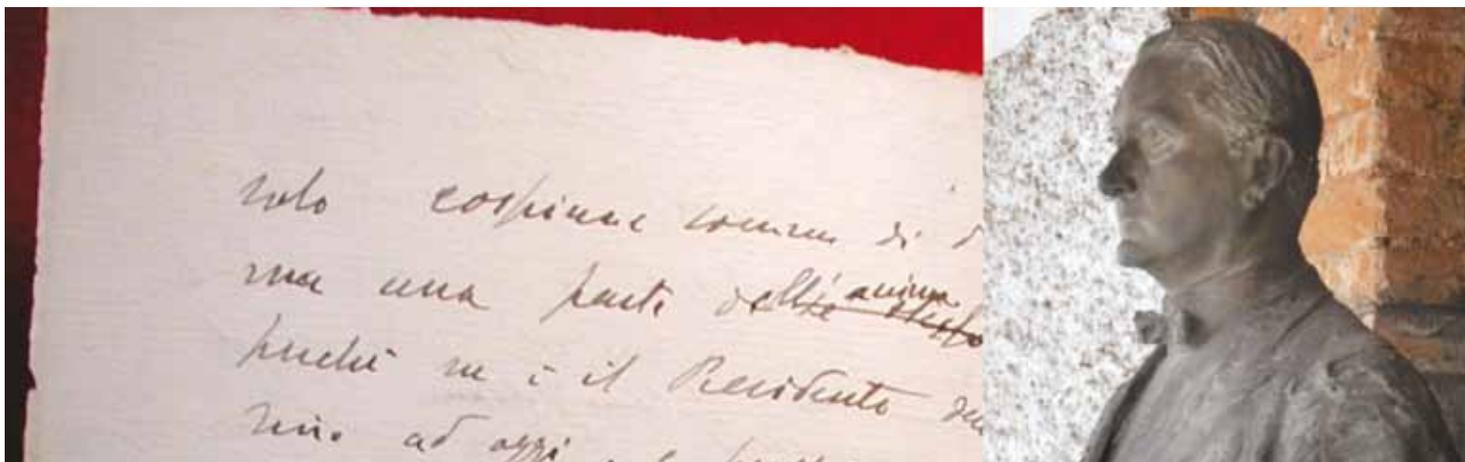
**Ensaio:**  
Um batizado afro na  
igreja que é símbolo  
do acolhimento dos  
imigrantes italianos  
em São Paulo

**Friuli-Veneza Giulia:**  
As atrações turísticas e a  
gastronomia robusta de  
uma região marcada por  
diversas civilizações que  
a ocuparam na História

# Uma parte da alma

Vida de Crespi e do Instituto Medio

Texto: Alessandro Dell’Aira Fotos: Alessandro Dell’Aira e João Florencio Tradução: Francisco Degani



Carlo Fontana, busto de Rodolfo Crespi, Memorial do Imigrante, São Paulo

## 1 ■ Todos têm filhos, ou terão...

ROMA. Uma vida em três páginas. Não é como fazer um balanço comercial em que as contas devem conferir. Falar de si mesmo não é brincadeira. Ainda mais na sua idade. Para seus filhos seria fácil, caramba. Principalmente para Raul, que estuda no *Istituto*. O *Istituto* e Raul nasceram juntos. Mas isso é comparação que se faça?

Claro que sim. O *Istituto* é como um filho, seu e de Marina. O vento que vem da Villa Borghese traz ao quarto um leve aroma de castanhas assadas e terra molhada. Da Via Veneto sobe o zumbido dos motores freando em direção à Piazza Barberini. Esta noite ele jantará no quarto, vestindo *smoking*. Não irá a lugar algum, deve apenas pensar e escrever. Depois alguém escolherá por ele melhores frases e palavras. Seu amigo Giannetto Valli pediu-lhe duas pagininhas. Ele também era conselheiro central do Instituto Colonial em 1911. Quando era prefeito de Roma, tinha menos tempo, mas nem por isso nunca se negou. Toda vez que Rodolfo está em Roma, jantam juntos. Agora os tempos são outros, mas Giannetto é sempre um grande amigo. Respondeu-lhe que sim, você foi o primeiro *Cavaliere del Lavoro* dos italianos do Brasil e talvez do exterior. E, de chofre, comendador. Foi no ano do

segundo congresso, lembra? Você mobilizou a Dante daqui e fez meia São Paulo brigar, com essa sua cabeça dura. E depois, Grande Oficial da Coroa em 1920. Você tinha quase cinquenta anos quando o *Duce* concedeu a medalha de ouro ao *Istituto*. Agora Carlo Fontana deixou tudo de lado para fazer o seu retrato. É um dos nossos melhores escultores. O que você quer mais?

Muito mais. Que mal há nisso? Você sabe que uma boa jogada não é uma partida vencida. E que xadrez não é pôquer. Droga, a inspiração quase foi embora. Mas o *Excelsior* tem um belo papel de cartas com filigrana e um escudo enfeitado com dois raminhos de louro. E uma estrelinha. Nunca a tinha notado.

Certas coisas empolgam. Sentado na poltrona, empurra o carrinho do jantar com a ponta do pé. O tapete se enruga. Rodolfo acende o abajur e pega a caneta:

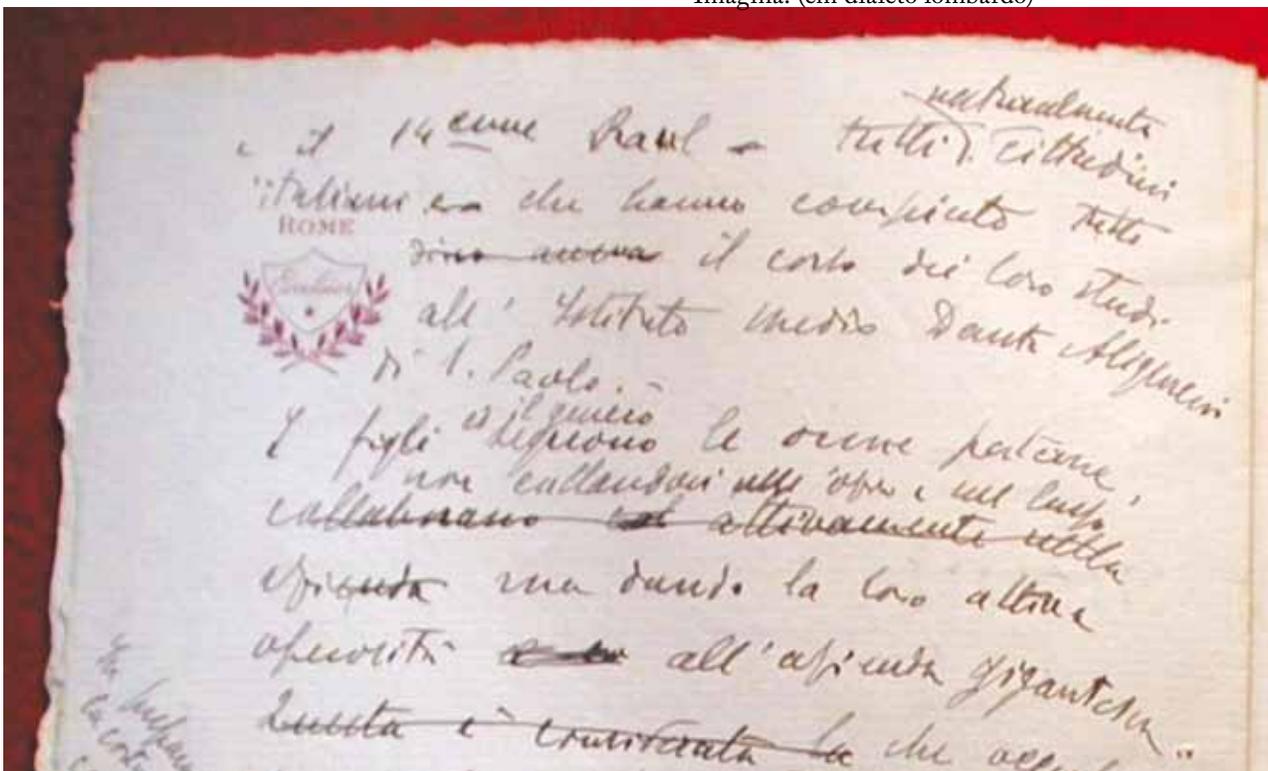
*Nascido em Busto Arsizio, 1874. Filho de fabricantes de tecidos (Stefano). Com 19 anos, enviado pelo grande industrial de Busto, Enrico Dell’Acqua, para sua filial de São Paulo, porque naquela época estava implantando lá uma fábrica de tecidos...*

Estava implantando... certo. Lá. Toda vez que ele sobe num navio não sabe se é ida ou volta. Estamos em Roma, São Paulo é lá, assim como São Roque em relação a São Paulo é lá. A fábrica era em São Roque, pois naquele vale, em meio a altos montes, havia uma grande cachoeira para fornecer força hidráulica. Mas os negócios aconteciam em São Paulo, na Bahia e em Curitiba. Mercadoria tanto produzida em São Roque como importada de Busto Arsizio. Inclusive a Fernet Branca. São Paulo era a principal filial, com dois gerentes e treze empregados. Ele era o almoxarife em São Paulo. Não era o mais jovem: havia ajudantes, rapazes com menos de treze anos contratados ali, e ele já tinha dezenove anos e dois meses. Então veio a crise e parte do pessoal foi transferida para a Bahia. Precisavam de caixeiros viajantes. Rodolfo pensou em deixar a empresa Dell'Acqua. Havia se afeiçoado a São Paulo e a uma certa Marina, filha de toscanos proprietários do Hotel Comércio. Ela o atraía tal qual a estrelinha do Hotel Excelsior, esta noite. Dell'Acqua gostava dele, também gostava de seu irmão Giuseppe, que era um de seus acionistas.

Mas gostava mais de Giuseppe. Tanto é verdade que, quando a Regoli & Crespi cresceu e Giuseppe foi encontrar Rodolfo em São Paulo, Dell'Acqua não gostou e entrou na justiça por usurpação de nome comercial. Se pudesse, teria processado ambos por alta traição. Bobagens. O comércio não é como a guerra. Nos negócios é: todos pela pátria e cada um por si. Rodolfo deixou a Dell'Acqua por vontade própria, mas, quando Giuseppe veio se juntar a ele no cotonifício da Mooca, ficou em dúvida se não era por obrigação. *Figüres!*\* A vida é assim. A vida dos Crespi. O senhor Dell'Aqua, de Busto Arsizio, era um gênio da exportação, mas os Crespi, de Busto Arsizio, já estão na tecelagem há séculos.

*...Permaneceu com ele até 1897, posto que deixou para formar a empresa Regoli, Crespi e Cia. dedicando-se à importação de artigos italianos para o Brasil, abrindo uma filial em Busto Arsizio para atender às ordens de compra e expedir a mercadoria. Além disso, a empresa fazia operações de câmbio e, ao mesmo tempo, com poucos teares manuais e algumas*

\* Imagina! (em dialeto lombardo)



**Do Arquivo da Presidência do Colégio Dante Alighieri de São Paulo. Duas folhas de papel de carta do Grand Hotel Excelsior de Roma, dobradas ao meio e preenchidas nas 8 faces, mais meia folha utilizada só na frente. Manuscrito autógrafo, sem data. "Breve autobiografia de Rodolfo Crespi". No cabeçalho, a lápis, com outra grafia: "1926". Datação provável: março-abril de 1924.**



Roma, Grand Hotel Excelsior - Envelope

*máquinas para malharia, lançou as primeiras bases da profícua indústria de artigos que não podiam ser importados devido às altas (riscado: 'e proibitivas') taxas alfandegárias...*

Altas sim, proibitivas não. Muitos italianos, naqueles tempos, importavam e pronto. Neste caso, é melhor não escrever maldizendo as taxas. Nem aqui nem lá.

*...Regoli, sogro de Crespi, ocupava-se da parte financeira e Crespi da parte técnico-industrial e comercial; e por mais que o capital inicial fosse modestíssimo, os negócios prosperaram tanto que cerca de oito anos depois Regoli pôde se retirar para a Itália, après fortune faite, e Crespi, assumindo ativo e passivo da sociedade, transformou-a na Sociedade Rodolfo Crespi e Cia., em 1905, e na Sociedade Anônima Cotonifício Rodolfo Crespi, em 1907, com um capital de 3.000 contos de réis, atualmente 6.000, centralizando em suas mãos a totalidade das ações...*

1907. Ano em que tudo se decidiu. Entretanto, há mais algumas coisas que gostaria que Gianetto soubesse. Seria o caso? Pensa, repensa e conclui que não. É algo íntimo. Escrevam sobre ele o que quiserem, ele escreve de si o que

bem quer. A ideia lhe veio muito antes, quando a Regoli & Crespi mudou-se do número 2 para o 10 da Rua Florêncio de Abreu e a empresa alterou seu anúncio no *Fanfulla*. O *Fanfulla* era o jornal dos italianos de São Paulo. Era dirigido pelo senhor Rotellini, de quem os Regoli gostavam. Rodolfo gostava dele, mas não tanto. O *Fanfulla* e Rotellini se empenhavam a fundo por todos os italianos de São Paulo.

O senhor Regoli não comprava o *Fanfulla* todos os dias. Dizia que era dinheiro desperdiçado. Não queria figuras na propaganda porque era mais caro. Também dizia que bastava informar o essencial, com poucas palavras e nos dias certos. Comprava o jornal somente quando saía a propaganda, para verificar se não faltava nada. Rodolfo dava uma olhada, geralmente apenas na primeira página.

A redação era na Rua Florêncio de Abreu, a dois passos da Regoli & Crespi e do Hotel Comércio, que os Regoli leiloaram quando o volume dos negócios diminuiu, para investir na nova empresa.

Propaganda da Regoli & Crespi - *Fanfulla*, 1898

Rodolfo convencera os sogros a abrir uma filial em Busto. Era o verão de 1898 – ou inverno? Era inverno. Puxa vida, lá em agosto é inverno. Renata tinha poucos meses. Havia muitas escolas italianas na cidade, mas quase todas funcionavam mal. Estudar “à italiana”, sem perder os filhos era uma miragem para todos, ricos e pobres. Quem não tinha dinheiro, não mandava mais os filhos para a escola. Quem tinha dinheiro, mandava-os estudar fora, e de certa forma os perdia. O *Fanfulla* havia um ano lutava por um centro de instrução único, a ser financiado por subscrições, administrado por associações regionais e financiadores locais. Rotellini, que era a favor da livre emigração e contra a financiada, pensava que, se a iniciativa privada mantinha os jornais coloniais, era o governo quem deveria dar estudo aos pobres. Rodolfo concordava parcialmente com Rotellini. Compartilhava da primeira ideia, mas da segunda não. Depois do nascimento de Renata, toda vez que o *Fanfulla* falava de escola, levava o jornal para casa para que Marina o lesse.

[...] Todos têm filhos ou terão, e nem todos poderão oferecer a eles aquela instrução que é a melhor herança que um pai possa deixar aos filhos, a melhor armadura com que vesti-los para lançá-los nas lutas da vida. Hoje, somente as famílias abastadas podem dar uma sólida cultura para seus filhos, ou enviando-os longe com o risco de perder seu afeto, de ter um diplomado, uma inteligência, mas mutilado da educação do coração que somente uma mãe pode ensinar, ou reavê-la no mínimo muito desgastada; ou então entregá-los para um colégio americano, inglês, francês ou alemão.

É um espetáculo muito doloroso. Mas



**Desenho original do engenheiro Julio Micheli, São Paulo, 1º de dezembro de 1911. Roma, Palazzo Firenze, Arquivo Histórico da Società Dante Alighieri**

não menos doloroso é voltar-se para o outro lado, considerando a numerosa falange dos nossos laboriosos conterrâneos que em sua conquista do bem-estar suportam os piores sacrifícios, os mais rudes trabalhos. Já é muito, se menos de uma décima parte envia suas crianças para uma escola onde possam pelo menos desanuviar a mente e aprender a escrever seu nome; a outra parte usa como desculpa o exemplo do vizinho, que extingue qualquer remorso e acalma qualquer ideia de responsabilidade.

E assim se perpetua aquela não invejável ignorância obrigatória que no exterior nos diminui fortemente no conceito dos anfitriões.”

*Fanfulla*, quinta-feira, 25 de agosto de 1898, primeira página

O *Istituto Medio Italo-Brasiliano Dante Alighieri* de São Paulo foi concebido naquele dia, na Rua Rodovalho, Penha de França. Na casa Regoli & Crespi. É isso. Pietro e Margherita, Rodolfo, Marina e Renata moravam debaixo do mesmo teto.

(1/4 - Continua)